

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Conhecimentos tradicionais. Uma análise crítica sobre conhecimento produzido da amazônia.

Priscila Freire Rodrigues y Renan Freitas Pinto.

Cita:

Priscila Freire Rodrigues y Renan Freitas Pinto (2009). *Conhecimentos tradicionais. Uma análise crítica sobre conhecimento produzido da amazônia*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/72>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Conhecimentos tradicionais

Uma análise crítica sobre conhecimento produzido da Amazônia

Priscila Freire Rodrigues*

Dr. Renan Freitas Pinto*

priscillafreyre@hotmail.com

Introdução

Pensar sobre a Amazônia na contemporaneidade é sempre se questionar como realizar uma contribuição nova sobre um tema já bastante abordado, posto que sua visibilidade é recorrentemente planetária e muito foi e continua sendo produzido a respeito. Não apenas quanto à natureza e as culturas e o que ganha mais destaque nas perspectivas interdisciplinares e multidisciplinares como novos olhares necessários ao contexto complexificado da região. Assim lançar um olhar crítico sob os olhares tão comumente familiarizados e buscar nos estranharmos novamente e tentar deixar que a realidade nos surpreenda como afirmou Boaventura de Souza Santos¹. São idéias, conhecimentos, especulações, representações em movimento que dão uma caracterização inventiva singular à região amazônica e circulam com rapidez nos diferentes âmbitos sociais. Nesse sentido, se torna interessante para nós pensarmos os conhecimentos tradicionais quanto a uma visão exótica do que se produz sobre a Amazônia na medida em que nos deparamos com as reformulações de questões não novas, mas ainda pertinentes as quais cabe uma análise crítica pautada numa visão mais abrangente.

A Amazônia suscita um amplo campo de reflexões divergentes ligados a posicionamentos e interesses diversos. Dentro de uma perspectiva global, especificamente quando se expõe a problemática socioambiental, a Amazônia é visibilizada entre disputas de interesses internacionais, nacionais e locais, constituindo-se também como um símbolo disputado num campo de produção de significação. Produzir idéias/conhecimentos que legitimam sobre a Amazônia configura-se como um instrumento de poder que produzem ações de caráter arbitrário embora tal arbitrariedade seja obscurecida pela matriz das significações dominantes. Nesse contexto, formas de uso/exploração dos recursos naturais são a mola propulsora que perpassa os diferentes campos na Amazônia – no âmbito das idéias às intervenções práticas.

Assim, processos de legitimação que regulam os usos da natureza na Amazônia a partir de programas e políticas voltadas para um “desenvolvimento” regional tendem a ignorar o reconhecimento dos conhecimentos tradicionais aqui existentes.

Desse modo, a análise ocorre quanto a problematização de concepções da Amazônia construídas pelo olhar exótico que se reelaboram na contemporaneidade a partir, dentre outros aspectos, dos conhecimentos tradicionais. Assim, se discute o olhar exótico e a construção do “Outro” que emprega a Amazônia um destino prioritariamente de mercado, na medida em que matizes de uma Amazônia-natureza-selvagem são reelaboradas aos interesses colonialistas.

*Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas-UFAM; Departamento de Ciências Sociais /Instituto de Ciências Humanas e Letras/ UFAM/

¹ Conferência realizada no Auditório da Universidade Estadual do Amazonas – UEA, em Manaus no ano de 2006.

A Amazônia e o olhar global

Os processos globais de uma dialética de contrários, a homogeneização excludente, se apropriam através da valoração econômica sobre o conhecimento cultural que condiciona um processo de alienação dos conhecimentos tradicionais. Contra a essa tendência, portanto, que o local busca firmar suas especificidades. Contudo, a questão não é o do reconhecimento da diversidade cultural tão somente, quando pensamos a Amazônia, no campo de produção de significação, os discursos produzidos em âmbito global de preservação/conservação *da natureza* e também *da cultura* redefinem as representações nacionais e locais da Amazônia.

Na obra *O Paiz do Amazonas*, Silva (2004) demonstra que a Amazônia *nasce* internacional ao problematizá-la diante da relação sócio política que foi estabelecida entre a região e o próprio país, já que a Amazônia respondia política e economicamente diretamente junto a Coroa Lusitana. De acordo com a autora esse processo implica, pois, quanto à questão nacional de forma que se apresenta problemática a integração da Amazônia no Estado nacional. Nesse contexto, a identificação das Amazônias (Amazônia portuguesa, Amazônia indígena e a Amazônia brasileira), analisadas por ela, suscita uma análise crítica das interpretações da Amazônia enquanto lugar “distante” e “periférico” e foco mundial ao mesmo tempo. A partir dessa perspectiva podemos compreender, pois, as conformações não apenas históricas, mas também imaginativas que constituirão a região empregando-lhe uma forte identidade geográfica diante de outras regiões. Dimensão que notavelmente foi descrita e interpretada por visões filosóficas e científicas, e, certamente, literária; “a Amazônia entra no circuito internacional ao servir de tema aos romances de Júlio Verne, Conan Doyle e Vicki Baum” (Gondim, 2007, p. 173).

As invenções da Amazônia são assim uma imprescindível apreensão e compreensão de um lugar não isolado e não distante se a percebemos que sempre esteve, de alguma maneira, no imaginário social distante de sua própria realidade. No curso dessas interpretações a natureza e os seus habitantes parecem sempre oscilantes entre aspectos negativos e positivos. Os discursos assim atravessaram séculos e culminaram no século XX ao XXI em outras (re)invenções que a expõem novamente em visibilidade de escala mundial.

Da visão edênica ao processo de ambientalização da natureza (Santos, 2007), sob foco na região amazônica, a construção de uma necessidade planetária remonta a um ideal de paraíso, mas que precisa ajustar-se às concepções de mundo globalizado. Santos ao analisar a emergência dos discursos que transformam a natureza em ambiente aponta para os vários momentos de invenção da Amazônia pelos primeiros viajantes e cronistas ao retratarem a natureza e seus habitantes “podemos ver pois, aí serem lançadas as bases das práticas de proteção ambiental futuras, fundada num antagonismo entre a natureza e o homem” (Santos, 2007, p. 383). Os discursos de preservação/conservação da natureza e também *da cultura*, embora, a dimensão da natureza que é realmente salientada como uma necessidade planetária, reconfiguram a Amazônia não a partir exatamente de um novo olhar. Uma questão a este contexto é o emprego do termo global e o da Amazônia agora sob o estatuto de ambiente. Desse modo, além das representações da região amazônica percebemos como importantes também as dimensões práticas sendo postas em causa; posto que, elas têm sempre uma relação.

Nesse contexto, dentre muitas questões a serem problematizadas nos interessa perceber os conhecimentos tradicionais, pois, na medida em que o conhecimento passa a ser apenas de interesse com vista a um certo tipo de utilitarismo, não apenas sofreremos de uma acentuada desigualdade e injustiça sociais, sofreremos de uma perda globalmente humanitária, a da riqueza da criatividade da sociodiversidade humana de percepções e usos da natureza. Destarte, na percepção da natureza se tem uma relação intrínseca com o modo de como a sociedade a percebe e de como a interação homem/natureza percebe a si mesma.

Explicando as descobertas do Ocidente, Santos (2006) afirma que o Oriente é sempre uma ameaça e também recurso a ser explorado pelo Ocidente, visto pelo mundo deste. Esta concepção se consolida cientificamente no século XIX, com o denominado Orientalismo. Santos cita de acordo com Said que o Orientalismo se assenta em dogmas, onde separam o “nós”, os ocidentais, e “eles”, os orientais; e o ocidente como racional e desenvolvido e o Oriente, subdesenvolvido e inferior.

Já a descoberta do Selvagem marca o lugar da inferioridade. Segundo a teoria de Aristóteles, a da “escravatura natural”, “a natureza criou duas partes, uma superior, destinada a mandar e outra, inferior, destinada a obedecer. (...) quem obedecer está total ou parcialmente privado da razão e da vontade [...]” (SANTOS, 2006, p. 189). Nesse sentido, “no segundo milênio a América e a África, enquanto “descobertas” ocidentais, foram o lugar por excelência do selvagem” de maneira que foi imposta por uma “moral superior”, a Ocidental, naturalizando a idéia de superioridade na qual a resistência à ela é transformada em autodestruição.

E quanto a terceira grande descoberta, a natureza, esta é o lugar da exterioridade. “O selvagem e a natureza são, de facto, as duas faces do mesmo desígnio: domesticar a “natureza selvagem”, convertendo-a num recurso natural”.

Diante das faces do Outro do Ocidente, percebemos que a Amazônia se agrega numa única, “Amazônia-natureza-selvagem”. Retomando, portanto, esta concepção, vê-se que assim como o Oriente, a Amazônia é “distante”, mas devido a grande diversidade da sua natureza ainda conservada pelos habitantes dessa região, como os povos indígenas, comunidades extrativistas, agricultores, pescadores, ribeirinhos, é vista como área a ser explorada pelos grandes capitais a fim de lhes oferecer o “desenvolvimento”. Ao passo o qual é conferido às populações locais o lugar de inferioridade porque são vistos como culturas atrasadas frente a todo o aparato tecnológico capaz de transformar toda a natureza da Amazônia em recurso natural velados por discursos de desenvolvimento sustentável.

Nesse sentido, situando os conhecimentos tradicionais da Amazônia nesse contexto amplo e de tensões é possível afirmar que a emergência de novos paradigmas que busquem um olhar de dentro para fora e de dentro para dentro da complexidade amazônica mais próximos de uma realidade a qual é sentida, busca a evidência de muitas Amazônias. Assim, parece-nos que insistir com a não familiaridade da Amazônia ainda pode nos mostrar muitos caminhos a serem (re)conhecidos.

Os conhecimentos tradicionais e o olhar exótico

Os conhecimentos tradicionais agregam um conjunto de concepções impostas de um olhar de fora que o visam como importantes, mas subalternos, de modo a justificar, por exemplo, a sua apropriação como recursos. A trajetória de uma planta medicinal numa perspectiva social é mais complexa e não se inicia com a entrada no comércio. No entanto, ao entrar no mundo do mercado, a este não interessa senão a matéria que será transformada em riqueza monetária.

O mercado de plantas medicinais não faz circular apenas valor em dinheiro. O valor agregado à planta e ao preparo de diferentes formas dessas plantas medicinais emprega ao saber popular uma significância cultural mais no sentido do exótico do que de algo de importância valorada socialmente enquanto conhecimento.

As plantas medicinais no mundo comercial não são apenas remédios caseiros para males que afetam a saúde, mas também para relacionamentos amorosos e sexuais, feitiços, enfim, crenças que perpassam diversificados significados culturais. Assim, existe nesse contexto uma agregação de valor à cultura imaterial de plantas medicinais que no mundo do mercado é incorporado o fetiche

da mercadoria. O comércio de plantas medicinais é apenas um exemplo em que os saberes tradicionais sobre a natureza são apropriados pelos interesses econômicos e circulam como mercadoria. Desse modo, pois, o mercado de plantas encobre o mercado de conhecimentos que aparentemente se limita ao uso dessas plantas como remédios caseiros etc. Todo o processo histórico e sociocultural da construção de conhecimentos gerado, mantido e recriado na domesticação de plantas e para suas diferentes formas de usos é assim comercializado sem o reconhecimento de um rico conhecimento das populações locais da Amazônia.

É nesse sentido que pensar os conhecimentos tradicionais no rol dessas interfaces compete uma análise em face das dinâmicas que alteram substancialmente o modo como nossa sociedade contemporânea se move no tempo e espaço constantemente recriados tendo em vista interesses e a invenção de necessidades.

Nesse contexto, a visão colonialista se impôs de uma maneira muito evidente quando se trata de reconhecer a importância dos conhecimentos tradicionais, a começar pelo fato mesmo do qual falamos, o do reconhecimento. Esse reconhecimento está ocorrendo sempre no sentido de mercado. A representação de colonizado que se solidifica nos conhecimentos tradicionais é que estes são vistos ora de maneira positiva na medida em que, a riqueza cultural a partir desses conhecimentos revela o domínio de saberes sobre a natureza. Mas, ora também, subalternos na medida em que, por se tratar de cultura tradicional é preciso ser apropriada pela tecnologia da bioprospecção onde as indústrias saberão melhor aproveitar esses saberes transformando-os em cosméticos, remédios etc.

Desse modo, os conhecimentos tradicionais da Amazônia entram no âmbito das questões globais pela via da mercantilização da natureza transformada em recursos naturais que geram lucro; e, pela via da mercantilização do conhecimento, na medida em que as idéias são em grande parte produção cultural de um contexto específico. Assim, dentre outras questões, é importante perceber que para problematizar o que se tem produzido sobre a Amazônia para além de uma perspectiva local compete-nos também buscar entendê-la nas interações de ordem global onde é preciso desvelar sobre discursos nem sempre muito evidentes de seus reais interesses.

Nesse sentido, a percepção de que as questões sociais, culturais e históricas se apresentam variáveis e não absolutamente palpáveis a partir daquilo que afirma o olhar de fora, mas também pelo o que é sentido localmente deve, pois, passar por uma reflexão mais aprofundada de como se vê, pensa e percebe-se a Amazônia em nossa contemporaneidade.

Destarte, “A noção de colonizado apresenta seu próprio tipo de volatilidade” (Said, 2003, p. 115). Esta volatilidade, pois, empregada aos conhecimentos tradicionais na contemporaneidade tem servido a diferentes contextos quanto à questão de territórios, de comércio e patentes, propriedade intelectual, unidades de conservação, enfim, a um conjunto de questões políticas em que os detentores desses conhecimentos – os “outros”, quer sejam chamados de povos da floresta ou populações tradicionais – geralmente não participam.

Desse modo, na medida em que atentamos para as dimensões mais amplas em que podemos perceber o conhecimento tradicional da Amazônia vemos que ainda o olhar local está muito aquém de sua abrangência. A trajetória de uma planta medicinal, por exemplo, já é real que ela não se limita ao local em que foi manejada e se perde de vista para além das fronteiras geográficas da Amazônia e mesmo do Brasil. Pois, são nas fronteiras geopolíticas em que a mesma planta medicinal será realmente valorada e negociada como matéria-prima exótica a objeto de estudo transformado por tecnologias avançadas. Contudo, ainda não podemos perder de vista que na trajetória da mesma planta existe uma história sócio-cultural, dos saberes tradicionais, que extraíram da natureza também conhecimento de alta complexidade – na medida em que nela percebem dimensões objetivas e subjetivas do material e o imaterial. Este contexto implica diretamente a importância sobre os conhecimentos tradicionais da Amazônia porque estes dependem da existência de seus detentores. Mas a questão não se limita a questões econômicas e sim que nesse âmbito estão postas idéias que geram conhecimentos.

Toda forma de explorado então foi abarcado com o termo “colonizado” (Said, 2003) e o conhecimento tradicional envolvido pela noção de colonizado demonstra que os saberes tradicionais e/ou locais são vistos como expressão cultural pelo olhar exótico, que estabelece uma relação de dominação e desigualdade sobre as populações detentoras desse conhecimento.

A exotização não é apenas um processo externo, mas acaba sendo também interno na medida em que é incorporada. A exotização é via de mão dupla e que em determinadas situações funciona como o principal elemento de reconfiguração da identidade cultural. (Pinto, 2006, p. 80). A auto-exotização ocorre não apenas como uma resposta às pressões externas que constantemente buscam as demarcações das diferenças dos diferentes Outros. A realização da auto-exotização por sociedades, grupos, regiões de modo parcial em suas totalidades culturais estabelecem relações de tensão onde ela acaba por parecer vantajosa. A questão dos conhecimentos tradicionais se insere aqui de uma maneira muito complicada, a de que o reconhecimento de sua importância não elimina a visão de subalternidade que lhe foi imposta. Isto porque, como sugere Pinto, a idéia de exótico que temos não é nossa. A noção de exótico foi incorporada por nós “ao preenchermos ou nos aproximarmos” de seus atributos principais, assim, nos vemos como um lugar distante da Europa, somos um País quente, nossas etnias não são do Ocidente “e temos mesmo contribuído, deliberadamente ou não, para a construção de múltiplos exotismos” (PINTO, 2006, p. 84). Desse modo, o exotismo passa a ser incorporado no processo de construção da identidade. Este aspecto surge de maneira muito evidente em abordagens sobre a região amazônica “e o que tem acontecido é um processo de auto-exotização em que se abre a possibilidade de reprocessamentos e reinvenções críticas” (PINTO, 2006, p. 85). O reconhecimento de uma sabedoria popular, mesmo que não seja de forma clara, é ocultado na medida em que se encontra numa situação de mercado. Por outro lado, o exótico perpassa o imaginário sociocultural por onde também se sustenta a própria existência do comércio de plantas medicinais. Assim, interessa a importância e a subalternidade dos conhecimentos tradicionais de modo que se restabelecem processos de imperialismo impregnados dos olhares exóticos. Como afirma Santos (2006) a produção da inferioridade é assim, crucial para sustentar a noção de descoberta imperial.

Considerações Finais

A Amazônia não apenas como um espaço físico-geográfico representa um interesse de ordem global. Os interesses mais visíveis sobre a Amazônia são de ordem econômica, principalmente, e a cabo desses interesses discursos no sentido da preservação não apenas ambiental, mas também cultural representam e produzem um imaginário social sobre a região porque representam um olhar exótico. Nesse âmbito, nos cabe pensar criticamente sobre os olhares e interpretações que se lançam, criam e recriam conhecimentos. E, diferente de uma visão (pretensamente) homogeneizadora dos processos de interação na relação sociedade/natureza, melhor compreender a complexidade da diversidade sócio cultural nas Amazônias; e ainda, ao que é preciso questionar-se quanto ao olhar exótico, *como a visão científica sobre a Amazônia é sentida por suas populações*.

Portanto, em face de mudanças contemporâneas no mundo e suas formas de alcances na Amazônia é preciso atentar se idéias, conhecimentos, discursos que se pautam sob a preservação/conservação nesse contexto figuram um caráter impositivo e nem sempre evidentes, de que sempre há outras questões por trás das questões. Nesse sentido, se fará sempre necessário pensar criticamente a Amazônia em interfaces veladas em idéias, representações, invenções que a expõe enquanto tema e problemática social em larga abrangência e mundial.

Referências

- GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. Manaus: Editora Valer, 2007.
- IANNI, Octavio. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- PINTO, Renan Freitas. *Viagem das Idéias*. Manaus: Editora Valer/ Prefeitura de Manaus, 2006.
- SAID, Edward W. A representação do colonizado: os interlocutores da antropologia. In: _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SANTOS, Luiz Fernando Souza. Amazônia: das idéias de paraíso às idéias de Ecossistema. In: BASTOS, Elide Rugai e PINTO, Renan Freitas (org.) *Vozes da Amazônia: investigação sobre o pensamento social brasileiro*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.
- SANTOS, Boaventura de Souza. O fim das descobertas imperiais; Nuestra América: reinventar um paradigma subalterno de reconhecimento e redistribuição. In: _____. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006.
- SILVA, Marilene C. da. *O Paiz do Amazonas*. Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas/UniNorte, 2004.